



SANTA MARIA

ONDE MORA ILÇO FIRMINO



Foto: Paulo Roberto / O Globo

1992

2006

Sob a proteção de uma imagem sagrada, o antigo assentamento tem forró, cachoeiras e muita fé



Olhe bem e verás o bom

FLÁVIA DUARTE

DA EQUIPE DO CORREIO

Sem modéstia, seu Ilço Firmino diz que Santa Maria precisa dele. Alguém que possa brigar para ver a cidade ainda adolescente — com apenas 16 anos — crescer e oferecer mais qualidade de vida a seus cerca de 120 mil moradores. Aos 56 anos, o mineiro de Governador Valadares, de conversa sem pausa e jeito de líder, tem orgulho da cidade onde criou os três filhos e agora cuida dos netos. Chegou lá como a maioria da vizinhança. Ganhou um lote, deixou o aluguel na Ceilândia e foi morar na casa própria. Naquele tempo, ainda era Núcleo Rural Santa Maria, loteamento criado para abrigar moradores de invasões espalhadas pelo DF e Entorno.

A família do agente de segurança encontrou mato e escuridão nos primeiros anos, mas nem isso diminui a esperança. “Fui abençoado por vir para Santa Maria. Parecia destino”, declara Ilço, dono de enorme simpatia. O barraco antes de madeirite, com os anos de economia e esforço, deu lugar à casa de dois quartos, sala, cozinha e banheiro. Tudo com chão de cerâmica e varanda arejada.

Para ele, Santa Maria é motivo de muitas alegrias. Os olhos se enchem de água quando mostra o diploma de Honra ao Mérito que recebeu nos anos 90. Um reconhecimento pelo incentivo ao esporte da cidade. Ele criou a Sociedade Esportiva Azteca de Santa Maria. Ainda guarda os troféus. Apreço maior tem pelo mais especial deles: o de primeiro lugar que o time levou no Campeonato de Futebol Amador de Santa Maria e Entorno. O ano era 1993. O último jogo do time foi em 2001. Depois deixou de existir. Não por vontade dos moradores. Tampouco de Ilço, que ainda sonha em construir um ministádio perto de casa. Por enquanto, tem que se contentar mesmo com os campos de terra vermelha disponíveis para as peladas entre amigos.

“Bonito demais”

Os jornais amarelados que guarda são provas do que seu Ilço quer mesmo ser útil ao lugar onde vive. No exemplar do periódico de 1993, de autoria dos próprios moradores, a matéria conta um dos feitos dele. Na ocasião, recolheu 1,2 mil assinaturas para sinalizar um retorno que fica na entrada de Santa Maria. É que ali morreu um bocado de gente em acidente. Era preciso fazer alguma coisa. E conseguiu. A passarela foi erguida no retorno perigoso. O jornalzinho, a *Tribuna de Santa Maria*, no entanto, foi calado há pelo menos seis anos, para desgosto de Ilço. “Era uma forma importante de comunicação dos moradores”, lamenta.

E ele não pára de falar. Entre um caso e outro, o aponta para o hospital em construção. Acredita que com a conclusão das obras vai ficar mais fácil socorrer os casos de emergência que hoje precisam ser encaminhados ao hospital mais próximo, o Regional do Gama. Os projetos de saúde da cidade confir-

Depois de muita luta, Ilço conseguiu 1,2 mil assinaturas para convencer o governo a construir uma passarela sobre a pista onde muita gente já morreu. Na cidade em que falta asfalto e sobra poeira, a Praça da Santa é bem-cuidada e pavimentada

mam a regra e não contam com médicos em número suficiente para atender a população.

Foi no Gama também que os filhos de Ilço, quando pequenos, estudaram. No passado, faltavam escolas em Santa Maria, mas agora já tem a tranquilidade de ver os netos estudando ao lado de casa. São mais de 20 escolas públicas e cerca de uma dezena de particulares.

Enquanto passeia pela cidade, aponta a fileira de pés de mangueiras, entre as casas, que acha “bonito demais”. Pensa que o lugar combina com um espaço para leitura destinado a crianças e idosos. Livros, sombra e água fresca. Um dia, quem sabe, vai ser assim. Ele sonha.

De volta à realidade, apresenta o restaurante mais incrementado daquelas bandas. A churrascaria Antonius, de localização privilegiada, na pista central. O dono é um velho amigo do mineiro, um certo Antônio que conheceu logo que chegou à cidade em 1990, mesmo ano em que Santa Maria nasceu. O restaurante oferece self-service e feijoada caprichada aos sábados. Programa certo em dia de pagamento ou se sobra dinheiro no final do mês. Nessa ocasião, Ilço leva a mulher, por vezes os filhos, ou faz do restaurante o ponto de encontro com os amigos.

Ele reclama que na cidade falta opção de lazer. Um amigo contou, dia desses, que em uma casa com aparência envelhecida rola forró, mas esse homem bom de papo nunca passou por lá. “A mulher não gosta muito de sair, não. É sistemática”, diz ao se referir à companheira de 21 anos de união, Aténice Firmino, 54 anos. Os filhos Fernando, 25, Cleiton, 23, Kelen, 21, curtem as farras da juventude no Gama, de onde Santa Maria permaneceu como área rural até 1992.

Cachaça e dança agarradinha também tornam animada a feira permanente da QR 211. Ilço brinca, solta uma gargalhada. O motivo é a referência que a feira ganhou: Feira do Periquito. A explicação do apelido ele nem conta, mas acha que deveria ser trocado. “Esse nome pega mal para a cidade da gente”, ri da própria avaliação. Apesar da birra com a desconstrução do título da feira, o mineiro está ali quase todos os finais de semana. É dia de comprar frutas e verduras. “Você consegue comprar um cacho de banana desse tamanho (faz uma indicação generosa com os braços) por três reais”. Um excelente negócio. De quebra ainda dá para comprar roupas, esbarrar com algum conhecido e curtir, mesmo que seja só ouvindo, o som do forró.

Basta um olhar mais atento pelas redondezas e

Fotos: Jose Varella/CB/15.4.06



logo se descobre que Santa Maria tem, sim, seus prazeres. Naquela região estão guardados alguns patrimônios ambientais. As águas cristalinas e quedas d’água que chegam a 18 metros de altura são alguns atrativos do Salto do Tororó e da Cachoeira Saia Velha.

“Doeu no coração”

“Sou católico, graças a Deus!”, ressalta. Aproveita e mostra a famosa Praça da Santa, que fica na Praça Central. Praça que se ficou afamada pelo privilégio da localização, pelos skatistas que fazem encontros no local e pelas reuniões de família nos dias de folga. A família Firmino volta e meia agenda um passeio. As crianças brincam, têm espaço de sobra para correr ou andar de bicicleta. Aos adultos cabe vigiar as brincadeiras, sair um pouco de casa e bater um papo com os conhecidos, que certamente aparecerão.

Quando recebe a parentada de Anápolis, Ilço não deixa faltar no roteiro uma visita ao local. Acha

a santa — trazida da Bélgica em 2005, com seus 938 kg e mais 4m de altura — uma beleza só. “Ela representa a nossa cidade, é nossa padroeira”. Só ficou triste demais, até “doeu no coração”, quando algum abusado atirou contra a antiga santa, feriu o gesso e entristeceu os moradores. Não teve recuperação e a imagem foi substituída pela atual.

A cidade com fama de violenta torce para se livrar da má referência. Quem já teve muito medo de andar por aquelas ruas garante que a segurança melhorou. Proteção por parte da companhia de polícia ali instalada, um posto policial, um batalhão do Corpo de Bombeiros e uma grande delegacia de fachada verde suave.

Proteção que os moradores atribuem também à santa da praça. A Virgem dos Pobres de mãos postas vela pela jovem cidade de gente cheia de esperança. No alto de seu pedestal, muito alto aliás, ela mantém alvo seu manto. Um contraste com aquela cidade onde tantas quadras ainda são de terra vermelha.